



Veículo: O Liberal		
Data: 24/03/2018	Caderno: Atualidades	Página: 07
Assunto: Projeto		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea	Classificação: Positiva

Projeto analisará impactos ambientais

EM BARCARENA

Danos causados por empresas serão monitorados pela UFPA e Uepa

Da Redação

Pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade do Estado do Pará (Uepa) decidiram concentrar esforços para estudar de maneira interdisciplinar os impactos da implantação de grandes projetos no Estado do Pará. Um dos primeiros focos do projeto que teve acordo de cooperação técnica-científica firmado nesta semana será os impactos ambientais gerados nas comunidades pelas atividades da Hydro Alunorte e outras empresas do complexo industrial no município de Barcarena.

O Grupo de Pesquisa Avaliação Ambiental de Grandes Projetos na Amazônia (Gaa-

gpam), da UFPA, coordenado pelo professor-doutor André Farias, desenvolve, há cinco anos, pesquisas sobre os impactos dos grandes projetos em Barcarena com a abordagem das ciências sociais. Através do acordo com o grupo de pesquisa Tecnologia Agroindustrial e Ciências Ambientais para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia da Uepa, coordenado pela pesquisadora Rosa Helena Cruz, pretende-se avançar para o monitoramento dos impactos na água e no solo.

“Há um histórico de acidentes ambientais em Barcarena desde o início da década de 2000. Teve um aumento de acidentes com balsas, navios, vazamentos de lamas de bauxita e de caulim. Estamos vendo um aumento dos acidentes ambientais em Barcarena e este não é um problema restrito”, destacou André Farias. De acordo com ele, que visitou a região recentemente, a poluição hídrica tem chegado às ilhas de Barcarena e a outros municípios vizinhos

como Abaetetuba. Os moradores têm reclamado de sintomas similares aos que a população das três comunidades atingidas em Barcarena pelo acidente da Hydro sentiram.

“Todos os sintomas que são reclamados pela população na Ilha do Capim em Abaetetuba são parecidos como coceira na pele, queda de cabelo e doenças gástricas. Eu visitei a área e estou escrevendo artigos sobre o adoecimento de crianças que não têm diagnóstico preciso. Não posso afirmar que é a poluição, mas os pais falam ‘ela ingeriu a água do igarapé na época da poluição’”, explica.

A ideia do grupo é fazer análises interdisciplinares dos impactos ambientais com professores de várias áreas do conhecimento (ciências sociais, economia, ciência política, ciências humanas e das ciências exatas e naturais, físicas, química e biologia). O acordo conta ainda com a parceria com o professor Marcos Santos dos cursos de Química e Física do campi da UFPA de Barca-



rena, com o Laboratório de Química - coordenado pela professora Maricely Uria Toro -, e com o Laboratório de Microbiologia da Uepa, coordenado pela professora Maria Soares Oliveira. Os três serão responsáveis pelas análises da água e solo.

A primeira coleta da água e do solo foi realizada na última semana pelo grupo de Rosa Cruz na comunidade de Burajuba, uma das mais afetadas pelo acidente da Hydro, em Barcarena. Segundo a professora, a coleta da água priorizou as áreas com poços abertos utilizados pela população. As amostras passarão por análises químicas e microbiológicas. A partir daí, os grupos irão apresentar os resultados para as comunidades e para o poder público.

Farias quer que a iniciativa aproxime a ciência dos problemas vividos pelas populações atualmente. “O grupo de pesquisa resultado desta união das duas universidades ajuda com mais informações técnicas e científicas para se comprovar um dano e crime ambiental muito maior, que está sendo cometido nas últimas décadas por várias empresas, que não respeitam a legisla-

ção ambiental. Como nosso trabalho tem uma contribuição da ciência política, também vamos falar sobre o Estado que licencia estas obras e deveria fiscalizar”, ressaltou.

Outra ação do grupo é avaliar as grandes intervenções urbanas como o Bus Rapid Transit (BRT) e projetos de macrodrenagens que, muitas vezes, não são vistas como grandes projetos na Amazônia, mas também impactam a população. “A universidade está buscando contribuir com a população e também se aproximar dos gestores para buscar medidas sérias e preventivas. Não

adianta tentar resolver o problema depois que aconteceu. Isso não é o melhor caminho. O que resolve é a prevenção com o uso de tecnologia apropriada. Estas empresas estão defasadas. Elas têm que ter tecnologias que não agridam o meio ambiente e a população”, avaliou.



Amostra de água é coletada em área afetada pelo despejo de rejeitos da refinaria da Hydro (acima). Contaminação de poços preocupa (ao lado).